

Instituto
banco
palmas

10
DEZ
palmas
15
banco
palmas
Av. Val Paraíso 620 - CONJUNTO PALMEIRA
CEP: 60870-440 - Fortaleza-CE - Brasil

Banco
Periferia

Ninguém supera a pobreza sozinho
PAUL SINGER

Essa é nossa



20 anos
Banco
Palmas
conectado



Neste 20 de janeiro de 2018, comemoramos 20 anos de Banco Palmas. O primeiro Banco Comunitário de Desenvolvimento (BCD) do Brasil, portanto, festeja-se, também, 20 anos de Bancos Comunitários em nosso país. Hoje somos 113, distribuídos por todas as regiões em 20 estados e 90 municípios. Nenhum arranjo financeiro no Brasil está tão conectado com os pobres quando os BCDs. Presentes estamos das ilhas ribeirinhas na Amazônia as periferias do Rio Grande do Sul, passando por comunidades quilombolas, indígenas, assentamentos, vilas de pescadores, territórios rurais e urbanas. Por isso o tema destes 20 anos é “conectados”.

Por que somos pobres? Foi a pergunta que fizemos em 1997 que nos inspirou para criação do Banco Palmas. Uma das perguntas mais desafiadoras na história da humanidade, diante da qual muitos doutores em economia tremeriam para responder de forma honesta.

Para compreender a história do Banco Palmas é preciso resgatar o contexto dessa pergunta.

Por isso, não podemos comemorar esses 20 anos, sem contar com os 45 anos de história do Conjunto Palmeira, a comunidade construída em regime de mutirão depois de ser expulsa da Beira Mar de Fortaleza-CE em 1973. O



Conjunto Palmeiras desenvolveu um fortíssimo movimento social de resistência e luta por direitos em uma região historicamente abandonada pelo estado.

Depois de décadas de desenvolvimento local no Conjunto Palmeira, se deu um novo processo de expulsão, dessa vez pelas forças do mercado (gentrificação). Como acontece em muitas favelas que se urbanizam, a vida se encarece e a economia local não acompanha, levando a população a vender suas casas e habitar em favelas mais distantes.

A diferença para outros bairros gentrificados no mundo, foi o nosso poder de mobilização e organização da comunidade. A nossa Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP), junto a outras organizações locais, foi atrás de entender as causas econômicas da pobreza local. Discussões, debates, assembleias, grupos focais e conversas entre os moradores produziram informações preciosas sobre a economia do nosso bairro, tínhamos realizado o primeiro Mapa do Consumo sobre o Conjunto Palmeiras. Duas informações poderosas surgiram. A primeira: mais de 1 milhão de reais por mês é consumido pelos moradores da comunidade, mesmo sendo pouco se distribuído entre os mais de 20.000 moradores na época, criamos o sentimento de poder econômico coletivo local. A segunda: apenas 20% circulava dentro da comunidade e 80% era gasto em compras realizadas fora da comunidade. Descobrimos um dos principais fatores do empobrecimento do território, a falta de consumo local provocava a perda das nossas poupanças e conseqüentemente, de nossa capacidade para gerar renda e trabalho. Sem essa poupança se torna impossível criar um mercado forte sob o controle da comunidade e nos torna dependente de um sistema que nos vê apenas como uma fonte barata de mão de obra.

Informação empodera, e o mapa de consumo fez com que pudéssemos traduzir informação em conhecimento. Agora tínhamos uma visão mais clara do nosso principal desafio econômico, se tratava apenas de focar os esforços da

comunidade na geração de renda e emprego, numa lógica de Economia Solidária. E foi isso o Conjunto Palmeiras fez.

Com a criação do Banco Palmas, se colocou em marcha no Conjunto Palmeira um modelo de desenvolvimento do território via produção e consumo local. O Banco Comunitário desenvolveu diferentes serviços financeiros solidários para estimular uma Rede de produtores e consumidores no bairro, através da qual se promove uma cidadania econômica onde o potencial de gerar riqueza a nível local é decidido pelos moradores da comunidade.

O Banco Palmas nasce com apenas R\$ 2.000,00 (dois mil) de capital, e um dos seus primeiros produtos foi o PalmaCard. Um cartão de crédito local, para facilitar o acesso ao crédito e o consumo no bairro. Para aqueles que acompanham as revoluções das moedas digitais, seria uma espécie de BlockChain de papel. Por conta do sucesso da ferramenta e do seu impacto, começou a diversificar seus serviços oferecendo crédito para os produtores (empreendimentos) em reais, e crédito para os consumidores em moeda social palmas, sem juros. Isso consistiu em um modelo de resistência e de luta contra o sistema financeiro. Não por acaso o Banco Central tentou, pela via jurídica, acabar logo cedo com essa iniciativa surgida nos grotões do Nordeste, região sempre ignorada pelos poderes econômicos de um país onde quase a metade dos brasileiros não tem acesso a conta bancária. Em 2003 o Banco Palmas ganha na justiça o direito de continuar sua jornada.

Passada essa época de criminalização do Banco Comunitário, começamos a ganhar apoios fora da nossa comunidade. Em 2005, iniciamos uma parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego- SENAES/TEM, o que possibilitou a criação de Bancos Comunitários pelo Brasil, impactando em mais de 1 milhão de brasileiros que pela primeira vez tiveram acesso a conta, a crédito produtivo e de consumo, a ter uma moeda local própria, a educação financeira, feiras, comércio local, e

uma cidadania econômica ativa onde a comunidade se organiza para definir seu futuro.

No Conjunto Palmeiras, já investimos milhões de reais para ações produtivas. Só nos últimos 7 anos, 14 milhões de reais, para 5.600 empreendimentos, 84% mulheres. Centenas de milhares de palmas emprestados para apoiar o consumo local, sem juros. Milhares de pessoas abriram sua primeira conta, acessaram seu primeiro seguro de vida e receberam formação em educação financeira.

Todo esse crescimento financeiro contou com parcerias com bancos públicos como o BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. Parcerias que permitiram um enorme crescimento da Rede de Bancos Comunitários e o aumento do impacto do Banco Palmas no Conjunto Palmeiras. Passamos de gerenciar milhares de reais para gerenciar milhões, deixamos de pensar em impacto para centenas de pessoas para transformar a vida de centenas de milhares.

Porém, a relação com o sistema financeiro tradicional gerou uma certa dependência e um “engessamento” as regras dos bancos comerciais, completamente antagônicas e incompatíveis ao sistema de finanças solidárias dos Bancos Comunitários que prima por serviços financeiros diferenciados, fortalecendo o poder local e garantindo um investimento na capacidade produtiva dos mais pobres. Só com instituições financeiras democráticas, de baixo para cima, com o protagonismo da comunidade será possível combater as desigualdades e promover a justiça social. Os Bancos Comunitários nasceram pra ser essa alternativa ao sistema financeiro cruel e concentrador do Brasil.

Hoje nos sentimos mais preparados para começar a criar ferramentas independentes e baseadas nos princípios da Economia Solidária. Em 2015

lançamos o E-dinheiro, a nossa plataforma de Banco Comunitário Digital, facilitando o acesso a uma moeda social digital, transferências eletrônicas, compras locais, pagamento de boleto, crédito para celular, microsseguros e mais serviços financeiros solidários com alta tecnologia, sem dispensar a presença e o controle humanizado dos Bancos Comunitários.

A estratégia digital nos permite pensar numa escala maior visando a sustentabilidade e independência financeira dos Bancos Comunitários. Entramos com força no mundo das moedas virtuais, criptomoedas, BlockChain e outros modelos. Acreditamos pela experiência própria em sistemas descentralizados e distribuídos, principalmente quando falamos do mundo financeiro, e claro na democratização da produção do dinheiro, que hoje é refém de um sistema privado e sem transparência. Porém não queremos entrar em jogos especulativos, moedas que em alguns aspectos compartilham as características que criaram a desigualdade que enfrentamos há décadas. Estaremos sempre do lado daqueles que acreditam na capacidade produtiva dos pobres e que querem construir economias, sistemas e moedas que apoiam a capacidade e o valor do ser humano. A verdadeira riqueza não se cria de forma individual, como defende a receita do mercado neoliberal, apenas buscando o interesse próprio. A riqueza se gera de forma coletiva, precisamos dos outros para criar valor e sermos felizes, isso acontece a partir dos intercâmbios, das trocas, e da valorização do outro. Isso foi o que aprendemos 20 anos atrás quando nos perguntamos “por que somos pobres”? E continuamos nesse processo em construção.

Passadas duas décadas, nosso desafio daqui pra frente vai ser o convencimento das instituições democráticas desse país a utilizarem os serviços dos Bancos Comunitários. Os gestores públicos, partidos políticos, sindicatos, Ongs, movimentos sociais, igrejas, associações, empreendimentos solidários em geral podem pagar seus fornecedores, funcionários, fazer suas

compras e vendas, viabilizar seus programas e políticas sociais utilizando os Bancos Comunitários. Nossa plataforma digital permite que qualquer instituição crie seu próprio Banco Comunitário e se associe a Rede Brasileira de Bancos Comunitários integrando a governança colaborativa do mesmo.

Os trabalhadores, os consumidores, moradores de bairros e comunidades podem mais do que serem usuárias dos Bancos Comunitários, estes devem se rebelarem junto as suas áreas de influência exigindo que optem pelos serviços dos Bancos Comunitários e outras formas de Finanças Solidárias, em defesa da democracia econômica, sem a qual não haverá distribuição de riqueza e igualdades social.

Nessa caminhada de lutas e fazimentos por todo o Brasil quis a história que chegássemos aos 20 anos desembarcando em Maricá-RJ, a cidade que criou um ousado programa de Economia Solidária, baseado na distribuição de renda, inclusão social, geração de riquezas coletivas e finanças solidárias. Os Bancos Comunitários com sua plataforma e-dinheiro será o agente financeiro dessa revolução econômica. Nos próximos meses dezenas de milhares de maricaenses farão sua adesão ao Banco Comunitário local que vai operar milhões de reais das políticas públicas do município.

20 anos é apenas o começo. Hoje renovamos nosso compromisso por uma revolução econômica e digital, distribuída e descentralizada em todos os cantos do Brasil.

Sim, nós somos possíveis, estamos conectados!!!